

5 Conclusão

Em *Mao II*, o escritor norte americano Don DeLillo descreve o tormento que é para um escritor a ideia de um livro inacabado, de um projeto ainda em andamento. Sua metáfora cruel se resume a um filho defeituoso que o persegue:

“um tipo de criança horrorosamente deformada que segue o escritor pra todo canto, sempre rastejando atrás do escritor (se arrastando pelo chão do restaurante onde o escritor está tentando almoçar, aparecendo ao pé da cama logo no início da manhã etc.), horrendo e defeituoso, hidrocefálico e sem nariz e com nadadeiras e incontinente e retardado babando fluido cérebro-espinhal pela boca enquanto choraminga e baba e chora, querendo amor, querendo aquilo que sua própria feiúra garante que ele conseguirá: a completa atenção do escritor”.¹

Segundo David Foster Wallace, que resume a metáfora, a imagem é perfeita porque captura um misto de repulsa e amor que o escritor sente pelo que está trabalhando. A caricatura de algo que, a despeito da perfeição vislumbrada por seu autor, em vias de se concretizar parece apenas a traição de todo esplendor planejado. Porém, apesar de defeituoso, o escritor reconhece que o filho é seu, que a deformidade também é sua - “já que se fosse um escritor melhor seu filho se pareceria com uma das crianças de catálogo de propaganda infantil, perfeito, rosado”.²

É difícil imaginar o que foi para Musil passar mais de vinte anos escrevendo um livro que não sabia como ou se poderia terminar. O que sabemos é que, ao invés de desistir, ele escreveu mais de 12 mil páginas de manuscritos num trabalho que parece se projetar ao infinito. *O Homem sem Qualidades* foi publicado porque Martha Musil, sua viúva, se esforçou para reunir o que julgava ser o final do romance e, por conta própria, bancou o que acreditava ser uma edição final. Mais tarde, nos anos 1950, nas mãos de Adolf Frisé, editor de confiança de ambos,

¹ WALLACE, D. F., *The nature of the fun*, in *Both Flash and Not: Essays*, p.151. “a kind of hideously damaged infant that follows the writer around, forever crawling after the writer (i.e., dragging itself across the floor of restaurants where the writer’s trying to eat, appearing at the foot of the bed first thing in the morning, etc.), hideously defective, hydrocephalic and noseless and flipper-armed and incontinent and retarded and dribbling cerebrospinal fluid out of its mouth as it mewls and blurbles and cries out to the writer, wanting love, wanting the very thing its hideousness guarantees it’ll get: the writer’s complete attention.”

² *Ibid*, p.152.

Martha e Musil, foi publicada a versão que é reconhecida hoje. Quem quiser se perder no emaranhado dos manuscritos, e questionar a versão escolhida como final, tem acesso ao material organizado e disponibilizado pelo *Robert Musil Litearturmuseum* de Klagenfurt.

A história de *O Homem sem Qualidades*, na verdade, é só a demonstração mais evidente de algo que parece ter perseguido Musil por toda vida. Como procuramos demonstrar nesse trabalho, o romance em questão é o ponto para o qual um conjunto de interesses e aspirações convergem. O jovem engenheiro, matemático, físico, todas as personas e projetos abandonados retornam progressivamente no romance como fontes complementares à sua busca pela vida justa, à vida que vale a pena ser vivida. Esse horizonte, essa ambição não é exatamente algo palpável, um objetivo que pode ser efetivamente realizado. Mas isso não importa, Musil está procurando escrever da forma mais sincera e completa, entrecruzando disciplinas, discursos e modos de ser, de modo a depurar cada vez mais como vê o mundo e seu lugar nele.

Nos anos 1920, quando começa a escrever *O Homem sem Qualidades*, tinha reconhecimento e uma vida estável. Soube, a cada passo, que, à medida que seu projeto avançava sem se encerrar, seu nome e suas finanças eram ameaçados. Seguiu mesmo assim. Recusou que suas ideias servissem a ideologias políticas, mesmo quando sua situação já beirava o desespero. Nos piores momentos, foi amargo e se queixou daqueles que julgava poderem ajudar, e não o faziam, mas não há sinal de arrependimento. Musil soube perder. Soube que perder fazia parte do jogo e dos riscos que conscientemente assumia.

Não temos a intenção aqui de glorificar esse tipo de experiência, como se o sofrimento em si se torna a experiência mais profunda ou sincera, mas apenas reconhecer um certo sentido épico do fracasso. Um sentido que se distingue de uma simples frustração. Uma coisa é fracassar sem esforço, outra, bastante diferente, é enfrentar o risco de perder uma aposta que se faz com os outros e consigo mesmo.